

**O PERSONAGEM MACHADIANO: UM HOMEM FORA DE LUGAR**  
**Três explicações para a consciência da frustração e formação, crise e**  
**comportamento da elite brasileira**

**Carla Patrícia Santana<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Esse estudo ocupa-se das interpretações que o crítico literário Heron de Alencar (1921-1972) faz do romance machadiano *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Seleciona diferentes tipos de textos de sua autoria: material preparado para aulas, comunicações apresentadas em congressos, ensaios inéditos ou publicados, além de anotações diversas; textos manuscritos e datiloscritos. A exploração que faz dos assuntos na obra de Machado de Assis vai além das fronteiras do literário. Problemas como a formação da elite brasileira e sua mentalidade, dado que atravessa todo o romance, preocuparam-no e confluíram com as suas inquietações sobre o assunto. Segundo ele, o romance MPBC inaugura uma nova maneira de representar o homem e sua relação com o mundo pela literatura brasileira. Superando a postura romântica do sentimento de inadequação ao mundo, este romance apresenta uma postura de reação do homem diante de suas frustrações. O que norteia todos esses estudos é a concepção que estabelece relações entre literatura e vida nacional. Para Heron de Alencar, há, em Machado de Assis, uma consonância íntima entre o labor literário e o sentido da *evolução social e política do Brasil*.

**Palavras-chave:** Crítica literária; Machado de Assis; Heron de Alencar.

Pretendo, na aula de hoje, focalizar aquilo que, ao meu ver, constitui um dos aspectos mais significativos da Literatura Brasileira nos fins do século XIX: o drama do homem de elite, educado para uma realidade que não é a sua, e por isso mesmo frustrado. Por motivos óbvios, tipifiquei esse homem de elite sob o título de Bacharel, o que talvez possa parecer, a muitos dos que me ouvem, um tanto estranho e mesmo ofensivo, pela evidente conotação pejorativa que o substantivo adquiriu em língua portuguesa. Apresso-me, pois a adiantar alguns esclarecimentos. Bacharel, aqui, não quer dizer nem o homem que recebeu o primeiro grau em qualquer Faculdade da Universidade, nem o homem que tem o vício de falar muito a propósito de tudo ou a propósito de nada. Bacharel, aqui, é aquele homem da elite brasileira que, não tendo sido nem padre nem militar, foi fatalmente, obrigatoriamente, destinado a formar-se em Leis por Coimbra, por São Paulo ou Olinda ou em qualquer outro centro de formação superior. (ALENCAR, [1963]).

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (2006). Professora do curso de Graduação em Letras, na Universidade do Estado da Bahia, Campus II, e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Desenvolve projeto de pesquisa financiado pelo CNPQ (auxílio financeiro) sobre Compositoras baianas. BA, Brasil. carlapsantana@hotmail.com

Começo este texto, que tem como ponto de convergência as interpretações do crítico literário Heron de Alencar (1921-1972)<sup>2</sup> sobre os romances machadianos, com as palavras dele. Esta opção é fruto da vontade de evidenciar, logo de partida, sua tese e objetivo central, para depois explicar como ela foi desenvolvida em diferentes textos.

Suas considerações, aqui explicitadas e analisadas, foram recolhidas de fontes diferentes, uma parte foi encontrada no seu acervo particular, outra parte, doada por amigos. São diferentes tipos de textos: material preparado para aulas, comunicações apresentadas em congressos, ensaios inéditos ou publicados, além de anotações diversas; existem textos manuscritos e datiloscritos.

Parte significativa de anotações foi preparada para as aulas ministradas na Universidade de Brasília antes do golpe militar de 1964. Estes textos apresentam uma indicação expressa de data ou alguma pista que permite saber quando foram escritos, como, por exemplo: anotações em papel timbrado do escritório do Governo de Pernambuco no Rio de Janeiro. Heron de Alencar foi assessor de Arraes e costumava ir de Brasília ao Rio para participar das reuniões, durante o ano de 1963<sup>3</sup>.

Destas anotações, destaco, em especial, os manuscritos que aparecem organizados por Heron de Alencar numa sequência que evidencia sua interpretação para o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (MPBC), e são os seguintes: 1ª explicação ó do MPBC ao MA: transformações na arte e na técnica de narrar: influências inglesas e outras (16 ago. 1963, 22f); 2ª explicação ó A temática de Machado de Assis: a consciência da frustração. Frustração e alienação da chamada elite brasileira, na segunda metade do século XIX ó MPBC: o tema da morte. (19 ago. 1963, 13f); 3ª explicação ó A temática de Machado de Assis: a consciência da frustração (21 ago. 1963, 12f); e 4ª explicação ó A temática de Machado de Assis: a consciência da frustração em MPBC. (26 ago. 1963, 9f).

O único ensaio publicado foi ãAspectos de uma interpretação das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que saiu na revista *Estudos Universitários* de Recife (1962). Este trabalho é uma versão da comunicação apresentada no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Salvador, no ano de 1959, sob o título

---

<sup>2</sup> Autor de José de Alencar e a ficção romântica. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969. v. 2 – Romantismo, pp. 217-321, entre outros estudos de literatura brasileira. Seus textos sobre Machado de Assis estão indicados ao final.

<sup>3</sup> Consta no seu currículo: Assistente do Governador Miguel Arraes de Alencar para as relações com as organizações sindicais e populares no plano federal brasileiro, pelas relações com a imprensa nacional, encarregado da tarefa de redação (preparação de discursos).

Aspectos do mundo machadiano: nota prévia sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Segundo dados dos relatórios daquele Colóquio, a comunicação apresentada por Heron de Alencar (que também participou como organizador do evento) era parte de uma série de quatro ensaios que o crítico vinha preparando sobre a obra de Machado de Assis.

A exploração que Heron de Alencar faz dos assuntos na obra de Machado de Assis vai além das fronteiras do literário. Problemas como a formação da elite brasileira e sua mentalidade, dado que atravessa todo o romance, preocuparam-no e confluíram com as suas inquietações sobre o assunto. A fim de explicar seus questionamentos em estudar a dramática posição da elite brasileira a partir dos romances machadianos, ele faz a seguinte observação, que também explicita seu objetivo:

Ora, objetarão seguramente alguns de vocês, que tenho eu a ver com isso, se não sou nem historiador nem sociólogo? Vai aqui, e com certa urgência, um segundo esclarecimento. A minha preocupação, no caso, foi e continua sendo a de ver de que modo esse problema se refletiu na literatura brasileira; procurar conhecer de que modo os escritores brasileiros sentiram esse problema ó se é que o sentiram. Resultado parcial dos estudos que tenho feito, a partir dessa preocupação, é o que vou hoje apresentar a vocês, ao procurar analisar um dos mais conhecidos textos de Machado de Assis.

Para concluir essa série de explicações e esclarecimentos, que vai um pouco longa, uma última consideração. Não se insere entre as minhas preocupações a pesquisa da consciencialização desse problema no escritor brasileiro. É outra a minha ótica, e necessariamente literária: a de ver de que modo o Bacharel, o homem educado para ser elite, toma consciência do conflito que se estabelece entre o que aprendeu e a realidade onde vive. Procurarei ver de que modo vive, ama, sofre, pensa e morre esse homem que jamais confessa a sua angústia enquanto elite, mas, objetivamente, age, toma posição no mundo em função dessa angústia, pela profunda consciência que tem da sua frustração. (ALENCAR, [O Bacharel e a consciência do conflito entre sua formação...], [1963]).

A primeira observação feita por Heron de Alencar nesse conjunto de textos é a de que, para analisar uma obra, é preciso permitir-se discordar das interpretações que o autor e seus personagens oferecem dos homens, dos fatos e das coisas, já que, muitas vezes, ocultam a verdade mais profunda dos seus pontos de vista. Cabe ao leitor ultrapassar a superficialidade enganadora e perceber os desdobramentos que a obra produz.

Para Heron de Alencar, o romance MPBC inaugura uma nova maneira de representar o homem e sua relação com o mundo pela literatura brasileira. Superando a postura romântica do sentimento de inadequação ao mundo, este romance apresenta uma postura de reação do homem diante de suas frustrações.

O que norteia todos esses estudos é a concepção que estabelece relações entre literatura e vida nacional. Para Heron de Alencar, há, em Machado de Assis, uma consonância íntima entre o labor literário e o sentido da *evolução social e política do Brasil*.

Um dos caminhos escolhidos por Heron de Alencar é explicar a obra de Machado de Assis a partir do estudo das influências e das temáticas. Esta é a primeira explicação que aparece no seu texto datiloscrito, que tem como título: De MPBC ao MA: transformações na arte e na técnica de narrar; influências inglesas e outras, o crítico nos fornece exemplos das influências de outros romancistas, especialmente os ingleses, na obra de Machado de Assis<sup>4</sup>. É um estudo comparativo que toma como base, e segue, especialmente, as análises já comprovadas por Eugênio Gomes para explicar o posicionamento filosófico de Machado de Assis. O procedimento é o de combinação de análise das relações entre as condições de vida do indivíduo, a sociedade da época e o escritor, e a sua formação intelectual<sup>5</sup>.

Mas não concederei atenção a esse recorte aqui. Seguirei outro caminho.

#### **A TEMÁTICA DE MACHADO DE ASSIS: TRÊS EXPLICAÇÕES PARA A CONSCIÊNCIA DA FRUSTRAÇÃO E FORMAÇÃO, CRISE E COMPORTAMENTO DA ELITE BRASILEIRA.**

O estudo do tema da frustração aparece em diferentes textos de Heron de Alencar. Um deles é constituído por versões de um mesmo texto e todas elas apresentam modificações entre si. As duas primeiras versões têm por título *Aspectos do mundo machadiano: nota prévia sobre Memórias Póstumas de Brás Cubas* e são datadas de 1959; a terceira versão, *Aspectos de uma interpretação das Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de 1962; e a quarta versão, que data de 1963, é um

---

<sup>4</sup> No tempo em que Heron de Alencar escreveu seu texto, tratava-se a intertextualidade como fontes e influências. No texto deixo sempre a denominação grafada por ele, mas coloco entre aspas, por saber das implicações que tal conceito trouxe para a literatura comparada e para as literaturas de países colonizados.

<sup>5</sup> Sobre o assunto, ver o estudo de Ívia Alves em *Visões de espelhos: o percurso crítico de Eugênio Gomes*. 1996, p. 252.

manuscrito intitulado 2ª explicação ó A temática de Machado de Assis: a consciência da frustração.

Os outros textos são os que foram intitulados 3ª e 4ª explicação. Além desses, há diversos manuscritos sem títulos. O texto da 2ª explicação, manuscrito de uma das versões do estudo sobre MPBC, trata, segundo HA, da temática principal de Machado de Assis, que é a consciência da frustração.

O procedimento para análise do tema segue os seguintes passos: consciência da frustração; frustração e alienação da chamada elite brasileira, na segunda metade do século XIX; MPBC: o tema da morte. Neste texto, retoma suas posições do estudo sobre a origem e significação dos temas do índio e do ufanismo. Segundo esta explicação, aquele homem da elite do século XIX está fora de lugar. Educado em outro lugar, em outra realidade que não era a sua, tornou-se um indivíduo deslocado, por isso mesmo frustrado. Mas é também um homem consciente de sua frustração. Heron de Alencar escolhe Brás Cubas para exemplificar este homem, para discorrer sobre a posição da elite letrada no Brasil. Faz referência ao tema da morte em Machado de Assis, apesar de este não ser o objetivo central nesse estudo, por considerar uma vinculação com a frustração de Brás Cubas.

A 3ª explicação, datada de agosto de 1963, retoma a temática da consciência da frustração a partir da análise de “[...] a lucidez extrema do delírio de Brás Cubas [e de] a teoria das edições”. Sua interpretação levanta a tese de que aquele era um capítulo no qual se revelava a extrema lucidez de Cubas, ao contrário do que poderia parecer a uma leitura desatenta, feita por quem se deixasse convencer pelo narrador, que afirma ser aquele um capítulo de pouca importância. Segundo Heron de Alencar, é justamente esta atitude do narrador que chama a atenção para uma leitura mais cuidadosa: “Aparentemente extravagante, esse capítulo parece ser todo o símbolo de uma consciência lúcida”.

A teoria das edições desenvolvida pelo personagem<sup>6</sup> mantém uma estreita ligação com, ou melhor, é decorrência do sentimento de inadequação: um homem que se refaz, que se edita continuamente a fim de chegar a uma forma que possibilite o sucesso, talvez uma perfeição. Esta atitude só poderia vir de alguém que não se sentia

---

<sup>6</sup> Que será discutida em outro manuscrito, sem título e sem indicação de data, com 23 pp. Assunto: Aula sobre Machado de Assis, análise do processo de frustração; ênfase na teoria das edições e na consciência de frustração.

satisfeito com sua configuração atual. Isto talvez sirva para explicar a ideia de contemporaneidade que aparece no capítulo. Percebida por Heron de Alencar, a sensação de contemporaneidade com quem fala é construída pelo narrador na escolha e uso que faz dos advérbios, a exemplo do uso de *ultimamente* em lugar de *finalmente*/*por fim* como advérbio finalizador após *primeiramente* e *logo depois*, empregos propositais. Se o narrador era contemporâneo do leitor, em qual edição estaria?

Na 4ª explicação, há a continuidade do estudo do tema da frustração com ênfase na formação acadêmica do personagem, ou seja, no diploma de bacharel obtido fora do país, o que classificaria Brás Cubas como homem da elite. Além da titulação, o projeto de casamento e a conseqüente cadeira de deputado configurariam o tema da frustração. Nesse texto (4ª explicação), HA pretendeu acompanhar alguns dos acontecimentos mais importantes na vida de Brás Cubas. Acompanhá-los, tentando compreendê-los, ou melhor, interpretá-los numa compreensão global do processo de Brás Cubas, um processo que construiu o seu sentimento de frustração. Nesta explicação, o autor aponta para a visão que norteará os outros temas tratados no livro, como o amor, o casamento e a amizade: a da incredulidade da afeição humana.

A principal preocupação aqui é analisar os fatos e elementos que vão constituir a visão de Cubas sobre o mundo e a sua percepção sobre o funcionamento da sociedade. O seu desencanto, que levará à frustração, começa a tomar corpo quando percebe que a sociedade é feita de aparências, ou nas palavras de Heron de Alencar, a “[...] nossa sociedade do século XIX, patriarcalista e escravocrata, na qual os homens de elite procuravam classificar-se pelo casamento de dinheiro e de influência”.

Para melhor explicitação de suas propostas, preferi subdividir este item em duas partes. Na primeira, exponho as considerações de Heron de Alencar sobre o que ele considera como tese principal de Machado de Assis, qual seja, a consciência que o homem machadiano tem de sua frustração. Na segunda parte, analiso como Heron de Alencar extrapola o romance para deter-se sobre a posição e atuação da elite na vida cultural do país. Tento mostrar como ele desenvolve a tese de que a elite brasileira é uma elite deslocada, fora do lugar por ter sido formada por uma mentalidade incompatível com a realidade nacional.

Segundo Heron de Alencar, o sentimento e a atitude diante da frustração não são únicos ao personagem machadiano, mas representam o homem. O que marca a diferença é o lugar e o tempo, elementos que o tornam singular. Para ele, o homem

machadiano é uma õ[...] posição universalmente válida, embora situada em lugar e tempo particularesõ.

Essa é a ideia nuclear, em torno da qual M.A constrói o mundo de seus romances da última fase. Não se trata, apenas, de pessimismo ou simples amargura, como consequência de um fracasso ou de uma série de processos. A existência, ela mesma, como um processo biológico e social, é uma frustração, no mundo novelístico de M.A. As histórias de Brás Cubas e de D. Casmurro, como a de Quincas Borba e a de Ayres, são a história da frustração. (ALENCAR, A vida é uma frustração, [1963]).

Heron de Alencar desenvolve sua proposta tentando explicar como e por que Brás Cubas é um homem frustrado, buscando refletir como este sentimento de frustração foi construído e como se pode detectar as pistas deixadas pelo romancista para que o leitor chegasse a tais conclusões.

Para ele, o romance MPBC inaugura uma nova maneira de representar o homem e sua relação com o mundo por meio da literatura brasileira. Superando a postura romântica do sentimento de inadequação ao mundo, este romance apresenta uma postura de reação do homem diante das suas frustrações. A frustração não mais é tema para evadir-se do mundo, mas, ao contrário, impulsiona o homem para um movimento de enfrentamento. Isto só é possível, porque, segundo HA, o homem machadiano é um sujeito consciente de sua condição e de sua contradição:

Creio não estar longe da verdade, ao dizer que a consciência de ser frustrado é o tema nuclear da chamada segunda fase do romance machadiano, aquele que informa e orienta a sua temática. Em torno dele, e de certo modo, como decorrência dele, é que gravita toda a problemática que aflige a humanidade machadiana. (ALENCAR, 2ª explicação, 1963)<sup>7</sup>.

Apesar de esse tema ser recorrente em outras obras, o crítico detém-se no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e, principalmente, no seu personagem principal, por considerar que Brás Cubas é, entre as personagens machadianas, a que melhor representa o sentimento de frustração:

---

<sup>7</sup> Este trecho aparece também em Aspectos de uma interpretação das õMemórias póstumas de Brás Cubasõ. *Estudos Universitários*, n. 2, p. 98; e, com algumas modificações, no manuscrito intitulado õ2ª explicação...õ (1963). A versão deste último foi a transcrita aqui.

O primeiro dos grandes personagens machadianos a adquirir essa consciência é Brás Cubas. Suas memórias, significativamente escritas do outro mundo, encontram sua razão de ser na consciência que o defunto autor tem de sua frustração. (ALENCAR, 2ª explicação, 1963).

Assim é que estuda o processo de formação do sentimento de frustração em Brás Cubas, a partir da consciência do descompasso entre a sua formação acadêmica, suas ambições e mentalidade e a realidade brasileira na qual estava inserido. Para isso, analisa fatos e acontecimentos da vida do narrador-personagem, seu contexto afetivo ó pleno de contradições e feito de aparênciasö ó, sua teoria das edições e sua visão de mundo.

Um dos exemplos fornecidos por Heron de Alencar para evidenciar a postura diferenciada do personagem em relação aos heróis românticos é a reação de Brás Cubas diante da morte.

No capítulo òA bordoö, escolhido por HA para análise detalhada, quando é obrigado a abandonar Marcela, o primeiro desejo de Cubas é o de encontrar a morte, no entanto, logo na primeira noite prefere dormir e justifica que aquele seria um òmodo interino de morrerö (ASSIS, 1998, p. 48). Mais tarde, ainda na viagem, rejeita aquele seu desejo inicial e, por fim, já faz planos para sua estadia em Lisboa, pois vislumbrava um grande futuro para si: òuma ideia expelia outra, a ambição desmontava Marcelaö (ASSIS, 1998, p. 50). Assim, percebe-se que sua ambição superava o amor. O desejo maior era o de realizar-se como elite, e, para isso, o título de bacharel por Coimbra seria o primeiro passo a ser dado para, inclusive, o requisito para ingressar na vida pública. Mas este último objetivo foi frustrado, já que a noiva recusara-lhe a proposta. Portanto, Virgília foi a responsável pela grande frustração de sua vida.

Através do casamento, Brás Cubas poderia ter concretizado o desejo de seu pai e sua ambição, mas aquela mulher, por ter preferido outro, criou um obstáculo à sua realização. Este fato reforça a sua descrença na afeição humana, que já se havia iniciado no episódio de sua relação com Marcela. É por esta razão que planeja sua vingança contra Virgília, porque, quanto a Marcela, a bexiga já matara sua sede de vingança.

Heron de Alencar analisa minuciosamente as palavras e atitudes do personagem a fim de verificar como ele constrói sua *revanche*. Evidencia, por exemplo, que a relação amorosa de Cubas com Virgília não era fruto senão de um desejo de revide:

Mais cínica, porém, é a vingança contra Virgília. Tão cínica e tão perigosa por isso realizada sem as aparências de vingança, que acaba de conduzir o próprio Brás Cubas à destruição, autoenvenenado no delírio de sua desforra. (ALENCAR, Aspectos de uma interpretação..., 1962, p.104).

Dar-lhe uma õ[...] vida de remorsos, de prazeres que rematavam em dor, de aflições que desabrochavam em alegria ó uma hipocrisia paciente e sistemáticaõ era um modo de vingar-se. Cubas não amava Virgília, aceitara o noivado sem mesmo conhecer a noiva, o que para Heron de Alencar (1962) õ[...] acentua o seu propósito de vencer a qualquer preço, de realizar-se como elite segundo os hábitos e costumes da sociedade brasileira do tempo do Impérioö.

A vingança é fruto de um sentimento de impossibilidade. Cubas apresenta a consciência de sua frustração: õNão tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa misériaö (ASSIS, 1998, p. 176). Não chegou a ser ministro nem deputado, não casou, não conseguiu concretizar o emplasto.

Aliás, na narrativa, não apenas ele, mas também outros personagens são frustrados, a exemplo de Marcela, que acabou na miséria e dependente da pena dos vizinhos. Suas expectativas foram frustradas. Só uma coisa Brás Cubas conseguiu: produzir um livro, através do qual reinventa sua vida.

Reinventar a realidade através da narrativa póstuma é uma atitude que tem como causa este sentimento de frustração analisado por Heron de Alencar, e, ao mesmo tempo, evidencia o saber-se frustrado. Ao tomar esta consciência, torna-se um homem õdesencantadoö, mais ainda porque desejou intensamente um lugar de vencedor. De acordo com HA: õO que deseja Cubas é vencer, alcançar o lugar que lhe parece estar reservado e nada o pode afastar desse caminhoö (ALENCAR, [Sobre Machado de Assis análise do processo de frustração...], [196-], p. 7).

Referindo-se à preferência ou escolha de Virgília por Lobo Neves ao invés de Cubas, afirma Heron de Alencar:

Na sequência da frustração de Brás Cubas, esse acontecimento é decisivo. Embora não amasse Virgília, o fato de ser preterido, substituído por outro que lhe era em nada superior, e cuja única vantagem consistia em ser apoiado por grandes influências políticas, esse fato faz com que Brás Cubas adquira plena consciência de sua incapacidade de realizar-se. Mais precisamente: de sua incapacidade de

realizar-se como elite, segundo os critérios e as normas do meio em que vive. Se, como lhe ensinava o pai, os homens valem por diferentes modos, e o mais seguro de todos é valer pela opinião dos outros homens, nosso pobre Cubas já não guarda nenhuma das ilusões que ainda há pouco lhe embebedavam o espírito, sabe que nunca mais valerá grande coisa pela opinião dos outros e, por atitude que esconde muito de verdade, na sua própria opinião já não valerá quase nada. ([Sobre Machado de Assis – análise do processo de frustração...], [196-], pp. 9;10).

O que forma uma elite? Que é necessário para se integrar à fina flor da sociedade? Um diploma? Havia Cubas se capacitado para ser elite ao obter o diploma, mas isto não fora suficiente. Necessitava de um casamento que o categorizasse. Necessitava de um cargo que o alçasse àquela minoria.

A interpretação de Heron de Alencar, de fato, ultrapassa o campo da literatura. Em seu comentário, anexado ao relatório da comunicação, apresentado ao IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, Guilhermino César escreve que a tese defendida por HA, a qual “[...] o desencanto de tantas personagens machadianas seria um resultante da frustração consciente que parece conduzir grande parte da obra do grande romancista, transcendia o ângulo do literário e iniciava uma sociologia da cultura, demonstrando ser um trabalho que resulta de investigação realizada com “[...] aguda inteligência e apurado senso crítico” (CÉSAR, 1959, p. 2).

Assim é que Heron de Alencar, na tentativa de compreender o país, levanta questões que discutem a formação da elite brasileira. E reitero seu ponto de vista que encontra, ainda hoje, ressonâncias: O estudioso desenvolve a tese de que a elite brasileira é uma elite em descompasso com sua realidade. Por ter sido formada por uma mentalidade estrangeira, ela não responde às situações de um país colonizado como o Brasil.

Sentir-se pavão, por exemplo, em relação à águia, não é somente sentir-se incapaz de ser águia, fig. o alguém de grande talento e perspicácia bras. o velhaco, sabido, espertalhão [,] num contexto em que isso é condição imprescindível para êxito e para a glória, é, também, e fundamentalmente, sentir-se inautêntico e feito de aparências. Sentir-se pavão, no caso de Brás Cubas, é pe[n]a (?) e simplesmente sentir-se incapaz. É precisamente aqui, e nesse trecho que Brás Cubas descobre e confessa o irreparável descompasso entre o que aprendeu e o que necessita para vencer na vida, para acotovelar os outros, para cumprir seu papel de elite. (ALENCAR, [Sobre Machado de Assis – análise do processo de frustração...], [196-], pp.11-12).

Esse descompasso da elite brasileira em relação à sua formação, apontado por Machado de Assis, vai ser percebido por Heron de Alencar e, de maneira semelhante, por Roberto Schwarz que posteriormente desenvolveu a questão com profundidade, e para quem o nosso desajuste era consequência do colonialismo. Em õAs ideias fora do lugarõ informa-nos da concepção que aparece no seu texto:

Partimos da observação comum, quase uma sensação, de que no Brasil as ideias estavam fora de centro, em relação ao seu uso europeu. E apresentamos uma explicação histórica para esse deslocamento, que envolvia as relações de produção e parasitismo no país, a nossa dependência econômica e seu par, a hegemonia intelectual da Europa, revolucionada pelo Capital. (SCHWARZ, 2000, p. 30).

A principal fonte de referência utilizada por Heron de Alencar no seu estudo é Sérgio Buarque de Hollanda. Alencar refere-se às considerações daquele sobre nosso estranhamento: õTrazendo de países distantes nossas formas de vida, nossas instituições e nossa visão do mundo e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos uns desterrados em nossa terraõ (HOLLANDA *apud* ALENCAR, [Sobre Machado de Assis õ análise do processo de frustração...], [196-]). Esta é, aliás, a referência utilizada por Roberto Schwarz no texto acima citado, trabalho no qual procurou õ[...] ver na gravitação das ideias um movimento que nos singularizava, propondo-se a analisar o õ*chão histórico*õ, da õ*experiência intelectual*õ dos homens cultos do Brasilõ. Logo após utilizar-se do mesmo trecho de Hollanda que reproduzi acima, Schwarz (2000, p. 13) afirma o seguinte:

Essa impropriedade de nosso pensamento, que não é acaso, como se verá, foi de fato uma presença assídua, atravessando e desequilibrando, até no detalhe, a vida ideológica do Segundo Reinado. Frequentemente inflada, ou rasteira, ridícula, ou crua, e só raramente justa no tom, a prosa literária do tempo é uma das muitas testemunhas disso.

Dessa prosa literária do tempo, Heron de Alencar, assim como o fez posteriormente Schwarz, escolhe os romances de Machado de Assis como o melhor exemplo para discutir essas questões. Para ambos, a matéria do artista é õ[...] historicamente formada, e registra de algum modo o processo social a que deve a sua existênciaõ. (SCHWARZ, 2000, p. 31).

Segundo HA, Brás Cubas serve de exemplo daquele homem da elite do século XIX, que, tendo sido formado em outro lugar, em outro contexto e por outras ideias, ao

regressar ao Brasil, depois de formar-se na Europa, sente-se como um peixe fora d'água:

Com o diploma, Brás Cubas começa a compreender que uma grande e invencível distância, que um enorme e invencível descompasso há entre o que um homem pensa ou pretende ser e aquilo que ele realmente é. Começa nosso herói a ter consciência de que, na vida da sociedade que era a sua, há certas regras do jogo que é necessário, que é imprescindível respeitar para que se possa obter sucesso. É necessário, pois, fingir, aparentar, manter a encadernação luxuosa, embora o texto seja de má qualidade. (ALENCAR, 4ª explicação, 1963, p. 5).

O que acontece é que a sua formação, aliada às ideias que aprendeu, não atendia a nossa realidade, diferente da Europa. O título de Bacharel, que obtém em Portugal, deveria servir como caminho para a ocupação de um lugar de prestígio na vida pública, mas não era sinônimo de inteligência ou competência, já que a inteligência ou saber tinham um caráter *ornamental*. Heron de Alencar esclarece de que tipo de homem está tratando:

Bacharel, aqui, não quer dizer nem o homem que recebeu o primeiro grau em qualquer Faculdade da Universidade, nem o homem que tem o vício de falar muito a propósito de tudo ou a propósito de nada. Bacharel, aqui, é aquele homem da elite brasileira que, não tendo sido nem padre nem militar, foi fatalmente, obrigatoriamente, destinado a formar-se em Leis por Coimbra, por São Paulo ou Olinda ou em qualquer outro centro de formação superior. (segue Sérgio Buarque de Holanda). (ALENCAR, 4ª explicação, 1963).

A personagem de *Memórias Póstumas*, o bacharel Brás Cubas, é ideal para uma análise do processo designado por HA como de crise da elite letrada brasileira, frustrada por estar deslocada. Referindo-se ao que afirmou Sérgio Buarque de Holanda, Heron de Alencar destaca as características da chamada elite brasileira de então: ãa) seguia fundamentalmente três carreiras: padre, militar e bacharel; b) via a inteligência como ornamento e prenda, fator de classificação social e jamais instrumento de trabalho.

O estudo de Heron de Alencar revela sua preocupação com a compreensão da fixação da vida brasileira: que sociedade é essa, quais os seus anseios, quais as implicações da sua formação. O crítico destaca o caráter da formação da elite nacional brasileira.

Um dos aspectos mais importantes do processo da sociedade brasileira, aquele que talvez melhor ofereça elementos para uma adequada compreensão de nosso modo de ser, como indivíduo e como povo, é o da formação das chamadas õgentes letradasõ, ou chamadas elites. Sem um razoável conhecimento de como se processou essa formação, de que modo e até que ponto essa formação influenciou e mesmo condicionou o retrato que nos pintamos, e nos pintamos ainda, de nós próprios e de nossa terra, sem esse conhecimento será difícil compreendermos por que somos desse modo e não de outro, porque afirmamos e reafirmamos precisamente dessa ou daquela maneira e não de outra; será difícil, em última análise, compreendermos tudo o que se passa em nós e a nossa volta. (ALENCAR, 4ª explicação, 1963).

Para ele, Machado de Assis é dos escritores brasileiros que melhor reflete as características fundamentais da sociedade brasileira da segunda metade do século XIX, e afirma: õPenso que em sua obra é onde mais e melhor se encontram muitos dos elementos necessários à compreensão de um dos fenômenos mais importantes da sociedade brasileira dos últimos 30 ou 40 anos do século XIX: o drama do letrado, do doutor, o drama do nosso homem de eliteõ (ALENCAR, 4ª explicação, 1963). Aqui se revela uma concepção da literatura enquanto objeto de estudo para o entendimento de determinadas formações sociais.

Isso não significa dizer que a literatura reproduz a vida cotidiana, mas, sim, que há uma relação de troca entre essas realidades, relação que pode ser percebida após um trabalho de pesquisa, especulação das obras literárias, do estudo do pensamento e da construção das ideias.

### **SUSPENDENDO...**

A intenção desse estudo foi descrever os textos e revelar as ideias de um crítico que pouco publicou do que escreveu.

Segundo Heron de Alencar, o homem machadiano, ao tomar consciência de ser frustrado, torna-se um *ser único, singular*. Neste instante é que ele se define como posição em relação aos outros e ao meio em que vive, não foge nem cria outra realidade, ao contrário, reage. É esta relação da postura do homem diante do mundo que é discutida, pelo crítico, a partir do livro de Machado de Assis.

Além de tratar dos assuntos acima, Heron de Alencar levantou outras questões que aparecem em fragmentos de manuscritos diversos. São abordagens que tratam do

tema do negro, questionando o discurso da crítica construtora da imagem de um Machado de Assis alheio aos problemas raciais, tema do amor e da sensualidade feminina, das relações de amizade, do mal e do sarcasmo nas obras de Machado de Assis. Mas esses assuntos ficam para outra ocasião.

Em todas as considerações abordadas por Heron de Alencar, há uma tese principal que sustenta suas colocações: a da íntima e dialética relação entre literatura e vida nacional, uma busca pela compreensão de como os fenômenos da vida brasileira são interpretados pelos nossos escritores. Em especial, focaliza como Machado de Assis construiu essa relação em sua obra e como interpretou a sociedade brasileira em diferentes momentos do seu desenvolvimento. Neste sentido é que Heron de Alencar vai afirmar que no romancista em questão há õ[...] uma íntima consonância entre labor literário do romancista e o sentido da evolução social e política do Brasilõ (ALENCAR, Tema do amor, 1957).

### **THE MACHADIAN CHARACTER: A MAN OUT OF PLACE**

#### **Three explanations for the consciousness of frustration, formation, crisis and behavior of the Brazilian elite**

**ABSTRACT:** This study deals with the interpretations that the literary critic Heron de Alencar (1921-1972) makes of Machado de Assis' novel *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. The study selects different types of texts of his authoring: material prepared for classes, papers presented at conferences, published or unpublished essays, as well as diverse annotations, manuscripts and typescripts. The exploration that Heron de Alencar makes of the themes in the work of Machado de Assis extends beyond the frontiers of the literary. Problems such as the formation of the Brazilian elite and their mentality, which cross the entire novel, engrossed him and converged with his concerns about this theme. For Heron de Alencar, the novel *MPBC* inaugurates a new way of representing man and his relationship to the world via Brazilian literature. Overcoming the romantic attitude of feeling inadequate to the world, this novel presents a position of man's reaction to his frustrations. What guides all of these studies is the conception that establishes relationships between literature and national life. For Heron de Alencar there is, in Machado de Assis, an intimate consonance between literary work and the sense of social and political evolution of Brazil.

**Key words:** literary criticism; Machado de Assis; Heron de Alencar.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALENCAR, Heron de. Aspectos de uma interpretação das õMemórias póstumas de Brás Cubasõ, *Estudos Universitários*, Recife, Universidade de Recife. n. 2, pp. 97-107, out./dez. 1962.

\_\_\_\_\_. Aspectos do mundo machadiano: nota prévia sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Apresentado ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Salvador, 1959. Datilografado.

\_\_\_\_\_. A vida é uma frustração. s. l., [1963], 3f. Manuscrito.

\_\_\_\_\_. DC [*D. Casmurro*]. s. l., [19-], 2f. Manuscrito.

\_\_\_\_\_. Machado de Assis, Cruz e Souza, Drummond e outras obs. s. l., [19-], 7 f, manuscrito.

\_\_\_\_\_. O sarcasmo como defesa e revide. França, 1956/1957, 1f, manuscrito.

\_\_\_\_\_. 1ª explicação - do MPBC ao MA: transformações na arte e na técnica de narrar: influências inglesas e outras. [Brasília], 16 ago. 1963, 22f, manuscrito.

\_\_\_\_\_. 2ª explicação ó A temática de Machado de Assis: a consciência da frustração. Frustração e alienação da chamada elite brasileira, na segunda metade do século XIX ó MPBC: o tema da morte. [Brasília], 19 ago. 1963, 13f, Manuscrito.

\_\_\_\_\_. 3ª explicação ó A temática de Machado de Assis: a consciência da frustração. [Brasília], 21 ago. 1963, 12f, datiloscrito.

\_\_\_\_\_. 4ª explicação ó A temática de Machado de Assis: a consciência da frustração em MPBC. [Brasília], 26 ago. 1963, 9f, manuscrito.

\_\_\_\_\_. Programa de curso sobre Machado de Assis, 1956-1957. 4f, Manuscrito.

\_\_\_\_\_. [O Bacharel ó consciência do conflito entre sua formação e a realidade em que vive; problema do desajustamento da elite brasileira, analisado em MPBC, de Machado de Assis]. [Brasília], [1963], 1f, datiloscrito.

\_\_\_\_\_. [sobre problema do desajustamento da elite brasileira, analisado em MPBC, de Machado de Assis]. [Brasília], [1963], 1f, datiloscrito.

\_\_\_\_\_. Estudos machadianos: o humor, a sandice e a avareza. s. l., [196-], 2f, manuscrito.

\_\_\_\_\_. [Sobre MA: intenção de torná-lo conhecido]. s. l., [1963], 1f, manuscrito.

\_\_\_\_\_. [Sobre Machado de Assis: análise do processo de frustração; ênfase na teoria das edições e na consciência da frustração]. s. l., [196-], 23f, manuscrito.

ALVES, Ívia. *Visões de espelhos: o percurso crítico de Eugênio Gomes*. 1996. 314f. Tese (Doutorado em Letras) ó USP, São Paulo, 1996.

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática. 24<sup>a</sup>. ed. 1998.

CÉSAR, Guilhermino. Relatório de comunicação apresentada por Heron de Alencar ao IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros. Salvador, 1959. Datilografado, 2f.

HOUAISS, Antônio [...]; ALENCAR, Heron de *et al.* Anteprojeto: Introdução ao texto crítico das MPBC, de MA. Salvador, 1959. 42f, datilografado. (Comunicação apresentada pela comissão MA, ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Salvador, ago. 1959).

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Editora 34, 2001.

\_\_\_\_\_. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Editora 34, 2001.

**Recebido em:** 20 de outubro de 2012.

**Aprovado em:** 13 de janeiro de 2013.